

CANTIGAS DE AMIGO: DO RITMO POÉTICO AO LINGÜÍSTICO: UM ESTUDO DO PERCURSO HISTÓRICO DA ACENTUAÇÃO EM PORTUGUÊS¹

Gladis MASSINI-CAGLIARI

RESUMO *O objetivo desta tese é traçar o percurso da acentuação portuguesa, através da análise de três pontos cruciais do contínuo temporal da língua: LATIM, PORTUGUÊS ARCAICO e PORTUGUÊS BRASILEIRO atual. A ênfase é dada à descrição do acento no Português Arcaico, sendo o corpus constituído pelo conjunto das “cantigas de amigo” contidas no Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa, compostas entre o final do século XII e o início do XIV. O embasamento teórico deste trabalho provém das concepções de mudança paramétrica, de Lightfoot (1991) e de fonologia (não-linear), especialmente pelas teorias métrica, de Hayes (1991), e lexical, de Mohanan (1986). A análise do acento nos três períodos focalizados mostra que a língua dos três períodos possui o mesmo tipo de pé rítmico básico (o troqueu moraic), além de terem sido efetuadas, nestes três momentos da língua, as mesmas escolhas quanto ao valor dos demais parâmetros. A conclusão a que se chega é que não houve mudanças na regra de atribuição de acento do Latim ao Português atual. As mudanças verificadas constituem, na realidade, consequência de uma mudança maior, não na formulação da regra de atribuição do acento em si, mas no módulo (do pós-lexical para o lexical) e no domínio da sua aplicação.*

ABSTRACT *This work aims to outline the historical route of Portuguese stress, through the analysis of three crucial points in the language temporal continuum: LATIN, ARCHAIC PORTUGUESE, and BRAZILIAN PORTUGUESE. The emphasis is given to the description of Archaic Portuguese stress attribution process, and the corpus is constituted by all the “cantigas de amigo” of the Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa, composed between the end of the XIIth century and the beginning of the XIVth century. The theoretical framework adopted here comes from the conceptions of parametric change - following Lightfoot (1991) - and of nonlinear phonology - specially Hayes' (1991) metrical theory and Mohanan's (1986) lexical theory. The analysis shows that all these three periods of the language adopt the same rhythmic basic foot (the moraic trochee) - and the same choice referring to the setting of all other rhythmic parameters value. We conclude that there is no change in the stress rule from Latin to*

¹ Texto resultante da Tese de Doutoramento com o mesmo título apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem -Unicamp, em 24 de agosto de 1995, sob a orientação da Profa. Dra. Ester Miriam Scarpa.

Brazilian Portuguese. The changes verified are, in fact, consequence of a major linguistic change, not in the formulation of the stress rule itself, but in the module of its application (from postlexical to lexical component) and in its domain of application.

O objetivo desta tese é traçar o percurso da acentuação portuguesa, através da análise de três pontos cruciais do contínuo temporal da língua: LATIM, PORTUGUÊS ARCAICO e PORTUGUÊS BRASILEIRO.

A ênfase é dada à descrição do processo de atribuição de acento no Português Arcaico, em virtude do ineditismo de estudos lingüísticos a respeito da prosódia do português daquela época e do fato de ser aquele um ponto estratégico no estabelecimento do percurso do acento em português, pois, além de ser o momento em que o que, antes, era considerado “latim” passa a ser identificado como “português”, é o primeiro momento da língua cuja prosódia é passível de ser estudada (trata-se da época em que os primeiros textos poéticos em português foram escritos).

Para tal, foi escolhido como corpus o conjunto das “cantigas de amigo” contidas no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* (de agora em diante, CBN), compostas entre o final do século XII e o início do XIV. Como o sistema de escrita usado, desde sempre, para registrar a língua portuguesa não possui notações especiais para fenômenos prosódicos como acento e ritmo, é imprescindível que os textos a serem considerados em um estudo destes fenômenos em um momento passado da língua (no qual não havia tecnologia suficiente para o arquivamento e transmissão de dados orais) sejam textos poéticos metrificadas, por levarem em conta o número de sílabas e/ou a localização dos acentos em cada verso - isto porque, da observação de como o poeta conta as sílabas (poéticas) e localiza os acentos em cada verso, podem ser inferidos os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual os poemas foram compostos.

O embasamento teórico desta tese provém das concepções de mudança lingüística - principalmente do conceito de *mudança paramétrica*, presente em Lightfoot (1979, 1981, 1982, 1987, 1988, 1989 e 1991 - especialmente os livros de 1979 e 1991), Adams (1987), Roberts (1993), Clark & Roberts (1992), Tarallo (1991), Ramos (1991, 1992) e Kato (1993, 1994) - e de fonologia não-linear. Dentro do modelo fonológico não-linear, o instrumental para a análise é fornecido principalmente pelas teorias *métrica* - iniciada por Liberman & Prince (1977) e desenvolvida, em várias direções, por Hayes (1985[1981]), 1982, 1991), Prince (1983), Selkirk (1980, 1984), Halle & Vergnaud (1987), Kager (1989), Goldsmith (1990), Visch (1990) e Haraguchi (1991) - e *lexical*, de Kiparsky (1982), Mohanan (1986), Pulleyblank (1986), Durand (1990), Goldsmith (1990). Como instrumental privilegiado de análise, foi escolhido o modelo de Hayes (1991).

A partir deste arcabouço teórico, é desenvolvida a análise do acento nos três períodos focalizados. A principiar pelo ponto “inicial”, o *latim*, atenta-se para o fato, bastante conhecido da literatura, de que a regra de atribuição do acento às palavras, no latim clássico, baseia-se na quantidade silábica e pode ser formulada da seguinte maneira: **se a penúltima sílaba é longa, o acento recai sobre ela; se é breve, o acento**

recai na antepenúltima (Meillet, 1933: 129; Lindsay, 1937: 25; Grandgent, 1940: 11; Devoto, 1944: 109; Niedermann, 1953: 13-14; Silva Neto, 1956: 96; Montesinos Abellan s/d: 39; Nunes, 1969: 33; Faria, 1970: 134-135; Allen, 1973: 155 e 177-178 e Ilari, 1992: 74).

A regra de acento latina tem sido alvo de vários estudos dentro da perspectiva métrica - entre eles, Hayes (1985, 1991), Halle & Vergnaud (1987) e Nespor & Vogel (1986). Segundo Hayes (1991: 80), a regra de atribuição do acento, em latim, pode ser traduzida para a terminologia da fonologia métrica da seguinte maneira:

“Marking final syllables as extrametrical, form a moraic trochee scanning from right to left.”

Desenvolvendo-se a análise de Hayes (1991: 80-81), obtém-se a lista dos parâmetros do acento do latim, apresentada em (1):

- (1) PÉ BÁSICO: troqueu moraic
1. Quantidade de sílabas por pé: binário
 2. Dominância: esquerda
 3. Sensibilidade à quantidade das sílabas: sim
 4. Direcionalidade: da direita para a esquerda
 5. Regra Final: à direita
 6. Extrametricidade:
 - a. constituinte: sílaba
 - b. borda: direita
 7. Pés degenerados: proibição fraca (permitidos quando nenhum pé canônico puder ser construído)
 8. Quantidade Silábica: considera elementos da rima
 9. Iteratividade: os pés são construídos não-iterativamente.

Estabelecidos os parâmetros do ritmo do latim, resta definir o domínio de aplicação da regra de acentuação daí resultante. Três são os argumentos que apontam para uma aplicação pós-lexical da regra de acentuação latina. O primeiro deles é a ausência de exceções apontadas à regra formulada acima. O segundo argumento envolve o comportamento da acentuação nas palavras compostas, análogo ao das simples e derivadas:²

(2) (x)	(x)
(x)	(x)
a mi# <cus>	ma le sa# <nus>

versus

O terceiro argumento provém do comportamento da acentuação quando um clítico é adjungido à palavra. Havet (1935: 224) e Niedermann (1953: 14) acreditam que os

² A este respeito, ver Nespor & Vogel (1986: 115) e Faria (1970: 140).

básico do PB nunca são obrigados a considerar alternâncias iâmbicas em qualquer contexto. Tal fato faz com que deva ser considerado o *troqueu* (no caso, *moraico*) como pé básico do PB - a exemplo do que fazem Bisol (1992a, b) e Wetzels (1992).

Outro ponto de desacordo entre os trabalhos resenhados é a consideração da quantidade silábica na construção dos pés. Por ter explorado as duas possibilidades, o trabalho de Bisol (1992b) aponta o caminho a seguir: uma análise que leva em consideração a quantidade das sílabas dá conta muito melhor dos fenômenos acentuais do português do que uma que não leva.

A partir destas observações, a lista das escolhas paramétricas quanto ao ritmo que se obtém em relação ao PB é a seguinte:

(4) PÉ BÁSICO: troqueu moraico

1. Quantidade de sílabas por pé: binário
2. Dominância: esquerda
3. Sensibilidade à quantidade silábica: sim
4. Direcionalidade: da direita para a esquerda
5. Regra Final: à direita
6. Extrametricidade:
 - a. constituintes: segmentos/sílabas
 - b. borda: direita
7. Pés degenerados: proibição fraca (quando nenhum pé canônico puder ser construído)
8. Quantidade silábica: elementos da rima.
9. Iteratividade: os pés são construídos não-iterativamente.

A regra de acento obtida a partir das escolhas explicitadas em (4) dá conta da grande maioria de palavras do PB. Os casos excepcionais são todos resolvidos através da aplicação da noção de extrametricidade: da vogal final de paroxítonas terminadas em ditongo (5a), da nasal final de paroxítonas terminadas em -VN (5b), da consoante final de paroxítonas terminadas em sílaba travada (5c), das consoantes finais em paroxítonas terminadas em sílabas superpesadas (5d), da sílaba final de paroxítonas (5e).

(5) a.	(x)	(x)	RF
	(x)	(x .)	
	eu ro peu	<i>versus</i>	pô ne<i>
	— ∪ —	∪ ∪	

(x)	(x)	RF
(x)	(x)	
li mão	<i>versus</i>	ór gã<o>
∪ —	— ∪	

b.	(x)	(x)	RF
----	-------	-------	----

- | | | | | |
|--|----------|--|--------|----------|
| | (x) | | (x .) | |
| | nin guém | | versus | ho me<m> |
| | — — | | ∪ ∪ | |
- c.
- | | | | | |
|--------|--|--------|----------|----|
| (x) | | (x) | | RF |
| (x) | | (x .) | | |
| to nel | | versus | tú ne<l> | |
| ∪ — | | | ∪ ∪ | |
-
- | | | | | |
|--------|--|--------|------------|----|
| (x) | | (x) | | RF |
| (x) | | (x .) | | |
| po mar | | versus | a çú ca<r> | |
| ∪ — | | | ∪ ∪ ∪ | |
- d.
- | | | | | |
|---------|--|--------|------------|----|
| (x) | | (x) | | RF |
| (x) | | (x) | | |
| pi REks | | versus | k R te<ks> | |
| ∪ — | | | — ∪ | |
- e.
- | | | | | |
|------------|-------------|------------|-----------|----|
| (x) | (x) | (x) | (x) | RF |
| (x .) | (x .) | (x .) | (x .) | |
| sí la <ba> | Jú pi <ter> | jú ni <or> | mé di <o> | |
| ∪ ∪ | ∪ ∪ | ∪ ∪ | ∪ ∪ | |

Em relação aos verbos, os parâmetros que atribuem o acento às palavras são os mesmos que o atribuem a nomes e itens lexicais similares - só muda a regra de extrametricidade, que é especial para os verbos:

(6) Extrametricidade nos verbos

Marque como extramétrico:

- o morfema número-pessoal das formas das 1^a e 2^a pessoas do plural nos tempos Imperfeito do Indicativo e Subjuntivo e Mais-que-perfeito do Indicativo.
- a coda final que porte elemento com status de flexão, ou seja, {N, S}.

Em relação ao acento no Português Arcaico (de agora em diante, PA), a partir da análise de todas as cantigas de amigo do CBN (escolhidas a partir da seleção de Nunes, 1973), pode-se constatar que elas se subdividem em três tipos básicos: cantigas formadas apenas por versos agudos - isto é, terminados em palavras oxítonas - (caso I), cantigas formadas apenas por versos graves - isto é, terminados em palavras paroxítonas - (caso II) e cantigas em que versos graves alternam com agudos (caso III). As cantigas do caso III, por sua vez, podem ser agrupadas em três subtipos, rotulados como casos IIIa, IIIb e IIIc (que será desconsiderado, já que, nas cantigas pertencentes a este grupo, é

impossível saber se o trovador considera ou não as átonas finais como parte da estrutura poética).

Em (7), encontra-se em exemplo de cantiga do tipo IIIa, em que todas as sílabas, inclusive as átonas de final de verso, fazem parte da estrutura métrica do verso.⁵ Em outras palavras, neste grupo de cantigas, um verso agudo de *n* sílabas corresponde a um verso grave de *n - 1* sílabas⁶ - fenômeno conhecido na literatura como *Lei de Mussafia*.

(7) Cantiga 473 (CBN 1261)
Lourenço, jogral

 ~
 Ûa moça namorada (7)*
dizia un cantar d'amor (8)
e diss'ela: «Nostro Senhor, (8)
oj'eu foss'aventurada (7)*
que oiss'o meu amigo (7)*
com'eu este cantar digo». (7)*

 A moça ben pareçia (7)*
e en sa voz manselinha (7)*
cantou e diss'a menina: (7)*
«Prouguess'a Santa Maria (7)*
que oiss'o meu amigo (7)*
com'eu este cantar digo». (7)*

 Cantava mui de coração (8)
e mui fremosa estava (7)*
e disse, quando cantava: (7)*
«Peç'eu a Deus por pediçon (8)
que oiss'o meu amigo (7)*
com'eu este cantar digo». (7)*

Por outro lado, nas cantigas do subtipo IIIb (exemplo em (8)), as sílabas átonas de final de verso são desconsideradas, não pertencendo à estrutura métrica do verso.

(8) Cantiga 110 (CBN 676)
D. Joan D'Avoin

⁵ O algarismo entre parênteses, no final de cada verso, corresponde à quantidade de sílabas poéticas do verso. O asterisco depois do parêntese, quando ocorre, indica que o verso em questão (sempre grave) tem uma sílaba poética a menos do que os outros versos (agudos) da cantiga.

⁶ Pelo sistema de contagem de sílabas poéticas da época, que difere do atual apenas por não elidir na mesma sílaba duas vogais seguidas, que, a não ser nos casos excepcionais marcados pela supressão de uma das vogais, contam como duas sílabas separadas.

Cavalgava noutro dia	(7)
per o caminho francês	(7)
e u)a pastor siia	(7)
cantando com outras três	(7)
pastores e non vos pês,	(7)
e direi-vos toda via	(7)
o que a pastor dizia	(7)
aas outras en castigo:	(7)
«Nunca molher crêa per amigo,	(9)
pois s' o meu foi e non falou migo.»	(9)
«Pastor, non dizedes nada,	(7)
diz u)a delas enton;	(7)
se se foi esta vegada,	(7)
ar verrá-s' outra sazon	(7)
e dirá-vos por que non	(7)
falou vosc', ai ben talhada,	(7)
e é cousa mais guisada	(7)
de dizerdes, com'eu digo:	(7)
«Deus, ora veess' o meu amigo	(9)
e averia gram prazer migo».	(9)

É o fato de estas duas estratégias de versificação poderem coexistir neste período do português que fornece indícios do pé básico do PA. A partir do confronto destes dois procedimentos, duas primeiras hipóteses podem ser formuladas:

1. Uma mudança lingüística está em curso e a população, nesta época, é mista: uma parcela da população possui, como pé básico, o *troqueu moraico* (caso IIIa, em que as sílabas átonas de final de verso fazem parte da estrutura métrica do poema, pois o pé básico da língua prevê uma posição para esta sílaba final), enquanto que outra parcela, minoritária, adota o *iambo* como pé básico (caso IIIb, em que as átonas finais são desconsideradas, já que as sílabas átonas finais são extramétricas, quando contém vogais de marca de classe, e puladas no momento da construção dos pés). É esta diferenciação que faz com que haja duas maneiras de se fazer poesia (duas línguas diferentes - duas poesias diferentes).
2. A população como um todo optou, quanto ao ritmo, pelo mesmo pé básico (o *troqueu moraico*, pois somente ele dá conta das duas ocorrências); o que está sendo inovada é a maneira de poetar. Neste caso, a diferença no modo de trovar dos dois grupos consiste em diferentes escolhas para o nível prosódico de segmentação, para delimitar o verso. O primeiro grupo (majoritário) elege o nível prosódico mais baixo, o do pé, e é por isto que as sílabas átonas de final de verso fazem parte da estrutura poética (todos os elementos do pé devem ser contados) - (9a). O outro grupo, por outro lado, escolheu um nível acima: as

sílabas poéticas só podem ser contadas até a última tônica, ou seja, até a última sílaba que tiver uma projeção (x) no nível superior ao dos pés (o da palavra fonológica - ω) - (9b).

(9) a. (x) (x .) (x) (x) (x) (x .) → nível de delimitação do verso (Σ)
 — σ σ σ σ σ σ σ σ → nível de segmentação e contagem (σ)
 Hu) pa pa gay mui fre mo so

b. (x) (x) (x) (x) → nível de delimitação do verso (ω)
 (x) (x .) (x) (x) (x) (x .)
 σ σ σ σ σ σ σ σ → nível de segmentação e contagem (σ)
 Hu) pa pa gay mui fre mo so

O principal argumento a favor da segunda hipótese e contrário à primeira é o fato de a maioria dos trovadores que não contam as sílabas átonas de final de verso em suas composições também compor versos à outra maneira (ou seja, considerando-as como parte integrante do verso). Ora, não é possível que um mesmo falante da língua possa ter dois valores diferentes relativos ao mesmo parâmetro. É impossível “ligar” um valor paramétrico e “desligar” outro, de acordo com a situação. Sendo assim, a única conclusão possível é que a população dos falantes de PA possui como único pé básico o *troqueu moraico* e que há duas maneiras co-ocorrentes de se utilizar esta língua para compor versos.

A partir desta constatação, e adotando a estratégia de focalizar as palavras que aparecem no fim de cada verso (pois são, com certeza, portadoras do acento principal do verso), obtém-se a seguinte lista das escolhas paramétricas quanto ao ritmo, efetuadas pelo PA:

(10) PÉ BÁSICO: troqueu moraico

1. Quantidade de sílabas por pé: binário.
2. Dominância: à esquerda.
3. Sensibilidade à quantidade silábica: sim.
4. Direcionalidade: da direita para a esquerda.
5. Regra Final: à direita.
6. Extrametricidade:
 - a. constituinte: segmentos;
 - b. borda: direita.
7. Pés degenerados: proibição fraca (permitidos quando nenhum pé canônico puder ser construído).
8. Quantidade silábica: elementos da rima.
9. Iteratividade: os pés são construídos não-iterativamente.

A regra de acento obtida a partir das escolhas explicitadas em (10) dá conta do padrão acentual de todos os nomes e itens lexicais de estrutura similar em PA - exemplos em (11):

(11)	(x)	(x)	(x)	RF
	(x .)	(x)	(x)	
	gra do	a mor	por tu gal	
	∪ ∪	∪ —	— ∪ —	
	(x)	(x)	(x)	RF
	(x)	(x)	(x)	
	en ton	a ssaz	uir geu	
	— —	∪ —	— —	

Em relação aos verbos do PA, as escolhas paramétricas quanto ao ritmo são as mesmas; entretanto, as formas verbais estão sujeitas à aplicação da regra de extrametricidade em (12), que não se aplica aos não-verbos.

(12) Extrametricidade nos verbos:

Marque como extramétrica a coda final que porte elemento com status de flexão, ou seja, {N, S}.

Quanto ao domínio do acento em PA, o fato de a localização do acento não se alterar quando à palavra são adjungidos clíticos ou quando ocorre elisão fornece evidências a favor do nível da *palavra*.

Comparando-se as listas das escolhas paramétricas quanto ao ritmo do latim, do PA e do PB (apresentadas, respectivamente, em (1), (4) e (10)), conclui-se que não houve grandes mudanças na regra de atribuição do acento, do latim até os dias de hoje. Podem ser observadas apenas algumas modificações quanto ao valor do parâmetro do constituinte extramétrico, que, na verdade, são reflexo de uma mudança maior, envolvendo não a parametrização do ritmo em si, mas o momento de aplicação da regra de acentuação estabelecida pelas escolhas paramétricas efetuadas pela língua. Entretanto, a observação das alterações no valor do parâmetro do constituinte extramétrico ao longo do tempo fornece pistas de como a alteração do domínio e do momento de aplicação da regra do acento do português se deu.

No latim, somente sílabas podem ser consideradas extramétricas; a regra de extrametricidade é, de fato, bastante simples: é extramétrica a última sílaba de cada palavra. Tal regra se aplica pós-lexicalmente sem exceções e sem qualquer tipo de condicionamento morfológico.

Na passagem do latim clássico ao vulgar, a perda das distinções quantitativas, ao lado dos processos de redução (que se aplicavam desde sempre no latim e até os dias de hoje) do tipo *kalido* → *kaldo*, *amare* → *amar*, provoca uma alteração na forma de base de muitas palavras, fator desencadeador da mudança observada na sua estrutura métrica.

Está justamente na reanálise, no sentido langackeriano do termo (Langacker, 1977: 58), das formas de base das palavras que sofrem este tipo de processos de redução a origem da mudança lingüística que faz com que o PA, posteriormente, não considere qualquer constituinte extramétrico, em relação aos nomes. A dupla interpretação gramatical da manifestação superficial desse tipo de dado (que faz parte da experiência desencadeadora do aprendiz da língua), como mostra (13), é a responsável pela modificação de valor quanto ao constituinte extramétrico, na passagem do latim ao PA:

(13) a. extrametricidade da última sílaba:

(x)	(x)	forma de base: [kald][o]/[am][a][r]
(x .)	(x)	output do léxico: kalido/amare
ka li <do>	a ma# <re>	realização fonética: kaldo/amar
∪ ∪ ∪	∪ — ∪	

b. nenhuma sílaba extramétrica:

(x)	(x)	forma de base: [kald][o]/[am][a][r]
(x)	(x)	output do léxico: kaldo/amar
kal do	a mar	realização fonética: kaldo/amar
— ∪	∪ —	

Entretanto, apenas a modificação no comportamento da extrametricidade em relação aos nomes não explica o movimento que faz a regra de acentuação, historicamente falando. Neste sentido, o caso dos verbos é bastante esclarecedor. Observe-se o exemplo em (14), cuja forma superficial também possui duas interpretações possíveis dentro da gramática:

(14) (x)	(x)
(x)	(x .)
can ta <mus>	can ta mu<s>
— — —	— ∪ ∪

O exemplo acima mostra como a chamada perda das distinções quantitativas entre vogais, ainda no latim, interferiu na mudança verificada posteriormente na aplicação da regra de acento. Por causa da perda das distinções entre vogais - e conseqüente alteração da quantidade das sílabas terminadas em vogais outrora longas -, ajustes na noção de extrametricidade são necessários para dar conta do padrão acentual dos verbos, em PA. A partir daí, e em oposição ao padrão dos não-verbos (em que a extrametricidade não se aplica), um condicionamento morfológico pode ser estabelecido na aplicação da extrametricidade (a regra de extrametricidade em PA, apresentada em (12), aplica-se apenas a verbos). Ora, uma regra de tal natureza não é passível de ser aplicada no módulo pós-lexical, dado o seu condicionamento morfológico. Desta forma, o aprendiz da língua, no momento da aquisição, é levado a interpretar o acento como um fenômeno

lexical - o que, por sua vez, altera automaticamente o domínio de aplicação da acentuação: o domínio de regras lexicais nunca é maior do que a palavra.

A confirmação de que a regra de acento, em português, está percorrendo um movimento natural de alçamento do nível pós-lexical ao lexical vem do comportamento da extrametricidade no PB atual. Logo à primeira vista, pode-se constatar que o comportamento da extrametricidade no PB é muito mais complexo do que em latim e no PA, através do valor duplo do parâmetro do constituinte extramétrico: tanto sílabas (como era em latim) quanto segmentos (como em PA) podem ser extramétricos.

O incremento na aplicação da extrametricidade, do PA ao PB, deve-se, em grande parte, à introdução, por empréstimo, de muitas exceções à regra "default" de acentuação. Tais exceções foram regularizadas posteriormente pela língua, através da aplicação de regras de extrametricidade (morfologicamente condicionadas ou não), que, dependendo do caso, considera extramétrica a última sílaba ou o último segmento da palavra.

Já em relação aos verbos, a extrametricidade, como em PA, é sempre morfologicamente condicionada em PB; entretanto, além da regra de extrametricidade já presente em PA, o PB incorporou mais uma: a que considera extramétrico o morfema número pessoal das duas primeiras pessoas do plural nos tempos Imperfeito do Indicativo e Subjuntivo e Mais-que-Perfeito do Indicativo.

A conclusão a que se pode chegar a partir do movimento de alçamento da regra de acento do português do módulo pós-lexical ao lexical, historicamente, é que nem toda mudança fonológica envolve a troca de valor de um parâmetro. No caso, a mudança observada no português não pode ser considerada paramétrica, já que quase todos os valores dos parâmetros do ritmo se mantêm (com exceção do valor do parâmetro do constituinte extramétrico; a mudança do seu valor, entretanto, é consequência de uma reanálise anterior, e não causa da principal mudança observada na acentuação do PA): o que se altera é o domínio de aplicação da regra (grupo clítico, no latim, e palavra, em PA e PB); altera-se, também (e principalmente), o módulo de aplicação desta regra (de pós-lexical a lexical).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adams, Marianne Patalino (1987) *Null Subjects in Old French*. UCLA: tese de doutorado.
- Allen, W. Sidney (1973) *Accent and Rhythm - Prosodic Features of Latin and Greek: a study in theory and reconstruction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Alvarenga, Daniel (1993) *Variations orthographiques, temps d'identification et apprentissage de la langue écrite portugaise: une approche phono-cognitive*. Thèse de Doctorat Nouveau Régime. Université de Paris VIII.
- d'Andrade, Ernesto & Bernard Laks (1991) Na crista da onda: o acento de palavra em português. ms. Universidade de Lisboa/CNRS - Paris.
- Bisol, Leda (1992a) O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, (22): 69-80.
- Bisol, L. (1992b) O acento: duas alternativas de análise. ms.
- Carvalho, Joaquim Brandão de (1989) Phonological conditions on Portuguese clitic placement: on syntactic evidence for stress and rhythmical patterns. *Linguistics* 27: 405-436.

- Clark, Robin & Ian Roberts (1992) A computational model of language learnability and language change. *D.E.L.T.A.*, vol. 8, nº especial, 53-103.
- Costa, Iara Bemquerer (1978) *O acento em português: estudo de algumas mudanças no modelo da fonologia gerativa*. Campinas: IEL/UNICAMP. Dissertação de Mestrado.
- Devoto, Giacomo (1944) *Storia della lingua di Roma*. Seconda ristampa. Bologna: Licinio Cappelli Editore.
- Duarte, Yara C. M. de Ávila (1977) *As regras de atribuição do acento primário em língua portuguesa*. Universidade de Brasília. Dissertação de Mestrado.
- Durand, Jacques (1990) *Generative and Non-linear Phonology*. London: Longman.
- Faria, Ernesto (1970) *Fonética Histórica do Latim*. 2ª edição (2ª impressão). Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Goldsmith, John A. (1990) *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Basil Blackwell.
- Grandgent, Charles H. (1940) *From Latin to Italian - An historical outline of the phonology and morphology of the Italian language*. Cambridge: Harvard University Press.
- Halle, Morris & Jean-Roger Vergnaud (1987) *An Essay on Stress*. Cambridge, Ma.: MIT Press.
- Haraguchi, Shosuke (1991) *A theory of Stress and Accent*. Dordrecht: Foris Publications.
- Havet, Louis (1935) *Cours élémentaire de métrique grecque et latine*. 8^e édition. Paris: Librairie Delagrave.
- Hayes, Bruce (1982) Extrametricality and English Stress. *Linguistic Inquiry* 13, 227-276.
- Hayes, B. (1985) *A metrical Theory of Stress Rules*. New York/London: Garland Publishing. - mesma versão distribuída em 1981 pelo Indiana University Linguistics Club.
- Hayes, B. (1991) *Metrical Stress Theory - Principles and Case Studies*. UCLA (draft).
- Ilari, Rodolfo (1992) *Linguística Românica*. São Paulo: Ática.
- Kager, René (1989) *A metrical theory of stress and destressing in English and Dutch*. Dordrecht: Foris Publications.
- Kato, Mary Aizawa (1993) Apresentação - "Como, o que e por que escavar?" IN Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Ed. da UNICAMP. pp. 13-30.
- Kato, M. A. (1994) Português Brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística. Apresentado no Congresso Internacional sobre o Português. Lisboa, 1994.
- Kiparsky, Paul (1982) From cyclic phonology to lexical phonology. IN H. van der Hulst & N. Smith (eds.) *The structure of Phonological Representations (Part I)*. Dordrecht: Foris Publications.
- Langacker, R. W. (1977) Syntactic Reanalysis. in Li, C. N. (org.) *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: University of Texas Press. pp. 57-139.
- Lee, Seung-Hwa (1994) A regra de acento do português: outra alternativa. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 29, nº 4, pp. 37-42, dezembro de 1994.
- Leite, Yonne F. (1974) *Portuguese Stress and Related Rules*. Tese de Doutorado, Universidade do Texas, Austin.
- Liberman, M. & A. S. Prince (1977) On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry* 8: 249-336.
- Lightfoot, David W. (1979) *Principles of Diachronic Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lightfoot, D. W. (1981) The History of Noun Phrase Movement. IN Baker, C. L. & J. McCarthy (eds.) *The logical problem of language acquisition*. MIT Press. pp. 86-119.
- Lightfoot, D. W. (1982) *The language lottery: toward a biology of grammars*. Cambridge, MA.: MIT Press.
- Lightfoot, D. W. (1987) Modeling language change: ontogenetic and philogenetic. ms.
- Lightfoot, D. W. (1988) Syntactic change. IN Newmeyer, F. (ed.) *Linguistics: The Cambridge Survey*. vol I: *Linguistic Theory: Foundations*. Cambridge: VP. pp. 303-323.
- Lightfoot, D. W. (1989) Obsolescence and Universal Grammar. ms.
- Lightfoot, D. W. (1991) *How to set parameters: arguments from language change*. MIT Press.
- Lindsay, W. M. (1937) *A Short Historical Latin Grammar*. Second edition, reprinted. Oxford: Clarendon Press. 1st edition: 1895.
- Maia, Eleonora da Motta (1981) *Phonological and Lexical Processes in a Generative Grammar of Portuguese*. Brown University. Tese de Doutorado.

- Mateus, Maria Helena Mira (1982) *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. 2ª edição. Lisboa: INIC. 1ª edição: 1975.
- Mateus, M. H. M. (1983) O acento de palavra em português: uma nova proposta. *Boletim de Filologia*. Tomo XXVIII. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. pp. 211-229.
- Mattoso Câmara Jr., Joaquim (1985a) *Estrutura da Língua Portuguesa*. 15ª edição. Petrópolis: Vozes. 1ª edição: 1970.
- Meillet, A. (1933) *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. Troisième édition révisée et augmentée. Paris: Librairie Hachette.
- Mohan, K. P. (1986) *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.
- Montesinos Abellan, Jose (s/d) *Gramática Histórica Latino-Española*. Cadiz: Escelicer.
- Nespor, Marina & Irene Vogel (1986) *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications.
- Niedermann, Max (1953) *Précis de Phonétique Historique du Latin*. Quatrième édition revue et augmentée. Paris: Klincksieck.
- Nunes, José Joaquim (1969) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa - Fonética e Morfologia*. 7ª edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Nunes, J. J. (1973) *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro. 1ª edição: 1926/1929.
- Prince, Allan S. (1983) Relating to the grid. *Linguistic Inquiry* 14: 19-100.
- Pulleyblank, Douglas (1986) *Tone in Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.
- Ramos, Jânia (1991) Mudança Sintática e Teoria Gramatical. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 20: 23-32. Campinas: IEL/UNICAMP, jan./jun. 1991.
- Ramos, J. (1992) *Marcação de caso e mudança sintática no português do Brasil: uma abordagem gerativa e variacionista*. Campinas, UNICAMP. Tese de doutorado.
- Roberts, Ian (1993) Posfácio - O Português Brasileiro no contexto das línguas românicas. IN Roberts, I. & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Ed. da UNICAMP. pp. 409-425.
- Selkirk, Elisabeth O. (1980) *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Indiana: IULC.
- Selkirk, E. O. (1984) *Phonology and Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Silva Neto, Serafim da (1956) *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Tarallo, Fernando Luiz (1991) Reflexões sobre o conceito de mudança linguística. *Organon 18 - A variação no português do Brasil*. Organização: Leda Bisol. vol. 5, nº 18, pp. 11-22. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Visch, Ellis (1990) *A metrical theory of rhythmic stress phenomena*. Dordrecht: Foris Publications.
- Wetzels, W. Leo (1992) Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, (23): 19-55, jul./dez. 1992.
- Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)*. Cod. 10991. Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.